

PROCESSOS COLONIAIS, SILENCIAMENTO E A TRADUÇÃO PONTE PLÁSTICA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

Patrick Rezende (UFES)
patrickrezende@hotmail.com

Na tentativa de constituir uma história universal que viesse de encontro aos interesses das sociedades ocidentais, as empresas coloniais europeias se valeram de práticas maniqueístas para impor seu olhar. A tradução, ferramenta que nos permite compreender e manifestar intenções, foi usada continuamente como ferramenta de poder, reforçando hierarquias e silenciando vozes. O discurso colonial se valeu dos processos tradutórios para transformar suas perspectivas em verdades universais, produzindo um mundo, no qual os olhares que buscam desviar dos padrões impostos pela lógica ocidental são subjugados e submetidos às cruéis práticas de violência. Entretanto, é importante perceber que, na constituição dessa ilusória civilização universal, muita coisa escapou e a resistência pode ser percebida por todo processo colonial. A tradução, então, poderá ser reposicionada como prática capaz de recontar as histórias, dando voz ao que foi silenciado e permitindo a desconstrução de paradigmas dominantes. Sugere-se, portanto, repensar as artes tradutórias a partir da sua plasticidade, prática que promove as pontes que manifestam os infinitos cruzamentos presentes entre línguas, prática capaz de pôr em evidência o homem como interseção de diversas vozes que carregam suas historicidades. De tal forma, a questão da tradução será tratada, não como pontes rígidas que se fixam e seguem de um ponto ao outro, buscando equivalências simplistas, mas como constituições plásticas que estão em uma contínua relação dialógica e maleável, que desconstruem as persistentes hierarquias do mundo e possibilitam recontar a história a partir também de perspectivas que vêm sendo silenciadas.